

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/265466113>

LES ÉNONCÉS DÉTACHABLES: LES VOIES D'UNE APPROCHE EN ANALYSE DU DISCOURS – ENUNCIADOS EM DESTAQUE: CAMINHOS PARA UMA ABORDAGEM EM ANÁLISE DO DISCURSO

CONFERENCE PAPER · JANUARY 2012

DOI: 10.13140/RG.2.1.4028.7448

CITATION

1

READS

41

2 AUTHORS:



AWA ASSIS

Federal University of Minas Gerais

15 PUBLICATIONS 1 CITATION

SEE PROFILE



Raquel Tiemi Masuda Mareco

Faculdade de Tecnologia do Estado de São ...

11 PUBLICATIONS 1 CITATION

SEE PROFILE

ENUNCIADOS EM DESTAQUE: CAMINHOS PARA UMA ABORDAGEM EM ANÁLISE DO DISCURSO

Por André William Alves de Assis¹ &
Raquel Tiemi Massuda Mareco²

Introdução

Observar os diversos discursos que circulam em nossa sociedade, por meio dos gêneros, tem sido recorrente nas mais variadas linhas de estudos linguísticos. Em análise do discurso, pode interessar, mais ou menos, aos analistas quais são os efeitos de sentido produzidos por esses destaques na imensidão dos gêneros discursivos e seus papéis sociais. Por mais que se materializem dentro de um gênero, os enunciados destacados possuem certa autonomia, deslocam-se de um texto ao outro de acordo com a necessidade pragmática do locutor (o aforizador), ou podem sofrer alterações mesmo dentro de seu enunciado de origem (pelo sobreasseverador). Esses enunciados reúnem também características próprias: são curtos, bem estruturados, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis. No momento de uma enunciação aforizante, não há interação direta entre locutor e interlocutor, os enunciados mantêm-se fieis ao texto de origem e podem circular por diversos gêneros, ou serem co-criados por seus interlocutores (enunciação textualizante), mantendo certa proximidade com o texto original, sofrendo mais ou menos alterações/torções que, ao mesmo tempo, aproxima e distancia o enunciador do estatuto de autor. Qualquer que seja a modalidade da asseveração imposta pelo gênero, implicará a figura do enunciador que não apenas diz, mas mostra que diz o que diz e comprava seu dizer. Neste trabalho, propomos realizar um percurso teórico que nos permita compreender como se processa essa destacabilidade dos enunciados destacados, assim como compreender as lógicas da aforização e da sobreasseveração.

A destacabilidade: enunciados destacados e destacáveis

Basta um simples olhar atento para os textos que circulam em nossa sociedade e rapidamente atestaremos que os enunciados destacados se fazem presente em grande parte da mídia em geral, “os casos de destacabilidade são numerosos e aumentam com o crescimento e a diversificação da mídia” (POSSENTI, 2011, p.40). São títulos, grifos, citações, slogans, recortes de textos que permeiam a esfera midiática e circulam na

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá – PLE-UEM, Maringá – Paraná. assis.awa@gmail.com

² Mestranda em Letras pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá – PLE-UEM, Maringá – Paraná. rachelmareco@hotmail.com

mesma velocidade que a informação em geral. Mas afinal, o que são enunciados destacados? Maingueneau (2008) em *Cenas da Enunciação* faz a distinção entre dois tipos de enunciados, os destacados e os destacáveis. O primeiro diz respeito àqueles passíveis de serem destacados, são as fórmulas filosóficas. Esse destaque, assevera Maingueneau (2008), pode ser identificável de várias formas:

- i) Ao se utilizar do enunciado para elaborar um título ou intertítulo;
- ii) Ao enunciado estar localizado em uma posição relevante (normalmente inicial ou final);
- iii) Ao receber um valor genérico, generalizante³;
- iv) Por possuir uma estrutura pregnante de seu significante (simetria, silepse) e/ou significado (metáfora, quiasmo);
- v) Por ser conferido ao enunciado um papel-chave.

Segundo Maingueneau (*ibidem*, p.80), as fórmulas filosóficas participam das três dimensões do ‘espaço filosófico’: campo, arquivo e rede de práticas”: Campo, porque marca um posicionamento, uma doutrina, delimita território ideológico, posicionamentos discursivos; Arquivo, por se inserir em uma memória doutrinal; Práticas, por ser suporte privilegiado para a retomada e o comentário de textos.

Pela condensação semântica que ela implica, associada a uma estrutura de significante pregnante, a fórmula filosófica se apresenta como enigmática: ela encerra em si uma parte de obscuridade, diz e esconde ao mesmo tempo. (MAINGUENEAU, 2008, p. 81)

Todos esses desdobramentos são regulados pelos diversos gêneros discursivos que inserem a fórmula num intertexto interno e externo, modos de desdobramentos indissociáveis.

O segundo tipo de enunciados diz respeito aos fragmentos destacáveis, são aqueles formatados pelo autor para uma possível retomada citacional, segundo Maingueneau (*ibidem*, p.80) esse é “um ato de por em evidência que se opera em relação ao resto dos enunciados que são atribuídos, sem mais, ao locutor.”. Vale ressaltar que mesmo enunciados que não possuem as características de destacabilidade podem vir a adquirir o estatuto de fórmula⁴, por disporem outras características destacáveis.

A noção de enunciados destacados em geral refere-se àqueles enunciados que normalmente são curtos, formulados por uma única frase, que funcionam de forma

³ “Maingueneau relaciona a genericidade à capacidade do enunciado ser – reutilizável” (MOTA, 2009, p. 120).

⁴ Por fórmula compreendemos o que Maingueneau (2008, p.77) diz ser “[...] asserções generalizantes que enunciam um sentido completo”.

autônoma e veiculam posicionamentos discursivos específicos de determinados grupos sociais. Diferentemente dos enunciados destacáveis, os destacados “não são necessariamente provenientes de sequências destacáveis”, mas possuem características que poderiam levá-lo a assumir esse estatuto. Para que cheguem ao estatuto de máximas, essas fórmulas, que normalmente são falas de pessoas de prestígio social, devem “[...] ser pronunciadas com o *ethos* enfático conveniente”, (MAINGUENEAU, 2008, p. 77), de acordo com o momento da enunciação, as restrições do gênero. Essas máximas se fundam na combinação de duas propriedades essenciais: i) a de ser percebida como inédita; ii) a de ser percebida como imemorial.

Dessa forma, esses enunciados produzem uma realidade criada por/para uma necessidade/intencionalidade enunciativa, que extrapola o momento temporal onde se encontra enraizado à enunciação, ou seja, tem-se um paradoxo temporal em que a fórmula “[...]”, retém de alguma forma em si mesma sua repetição ulterior, ela se comemora ao se inaugurar”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 87). O ponto comum entre enunciados destacáveis e destacados é o de condensarem ideologias, prestarem-se a repetição.

Ainda em Cenas, Maingueneau (2008, p. 88) traz duas novas distinções, entre os enunciados destacados autonomizados e não-autonomizados, que resulta respectivamente em sobreasseveração forte (enunciados destacados que circulam fora do seu texto de origem) e sobreasseveração fraca (enunciados destacados que estão próximos do seu texto de origem). Esses enunciados autonomizados possuem certa autonomia, romperam com o texto de origem. Dificilmente alguém buscará a origem desses enunciados, porque para o leitor essa origem não existe. Já os enunciados não-autonomizados estão ligados ao texto de origem, encontra-se, de alguma forma, como parte integrante do texto de origem, como os títulos em geral. Esse último conceito de sobreasseveração, assim como o de aforização, será retomado e ampliado por Maingueneau (2010). Por isso, para cada um desses conceitos teremos uma sessão exclusiva nesse artigo.

Aforização

Em seu livro *Doze Conceitos em Análise do Discurso*, Maingueneau (2010), no capítulo intitulado “Aforização – Enunciados sem texto?”, considera que os enunciados destacados ocorrem em situações enunciativas específicas que ele chama de *enunciação aforizante*. O autor observa que entre o aforisma e o texto não há uma diferença de dimensão, e sim de ordem. Desta forma, Maingueneau opõe dois tipos de enunciação, *aforizante* e *textualizante*, inscrita no horizonte do gênero discursivo.

Todo gênero discursivo possui o que Maingueneau diz ser *papeis* em que posições, produção, recepção e interação são restringidas/pertinentes ao gênero. O Outro

(interlocutor) define o gênero (tema, estilo e Estrutura composicional) de acordo com o momento enunciativo específico/dado. Na enunciação aforizante isso não acontece. Não existem papéis (quem fala/a quem se fala) e sim o que Chaim Perelman⁵ chamou de *auditório universal*, isso quer dizer que não há uma interação entre Sujeitos posicionados num mesmo momento, num mesmo plano; a enunciação é centrada no Eu (locutor) e não no Outro (interlocutor), por isso não são expressos o que Ducrot chamou de “jogos de linguagem” (argumento, resposta, crítica, agradecimento) e sim pensamentos, ditos, teses, afirmações generalizantes e soberanas. Assim, um sujeito que se manifesta desta forma demonstra sua capacidade de aforizar.

Trata-se fundamentalmente de fazer coincidir sujeito de enunciação e Sujeito no sentido jurídico e moral: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade e que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

Devido às diversas situações comunicativas existentes, o aforizador (sujeito pleno) pode responder por aquilo que diz, pois a “descontextualização das aforizações é acompanhada por uma opacificação de seu sentido” (*ibidem*, p.15) o que exigirá uma interpretação para que o sentido (enunciativo) seja pertinente. Por se encontrar em um regime aforizante, o enunciado faz com que o interlocutor o receba e o legitime em sua totalidade situacional.

Esse caráter aforizante dos discursos pode, no momento da enunciação, sofrer intervenções situacionais, o que pode resultar enfraquecimento, aumento ou até mesmo impedir que um enunciado adquira esse estatuto aforizante. Maingueneau (2010, p.22) resume esses fatores em:

- i) Textuais, são a *aforização forte* (em que a citação já é validada) e a *aforização fraca* (a citação não possui ou possui autonomia restrita);
- ii) Lexicais, evidenciadas pelo significado do verbo que introduz a aforização;
- iii) Modais, em que há uma hierarquia dos pontos de vista, uma distância entre enunciado e enunciação em que o locutor citante e o locutor citado estão no mesmo plano;
- iv) Aspectuais, em que a generalização do enunciado favorece a aforização;
- v) Sintáticos, o enunciado sofre maior evidenciação por causa de um destaque sintático;

⁵ PERELMAN, C. Tratado da argumentação: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

vi) Semânticos, em que o enunciado sofre uma evidência maior por seu conteúdo heurístico, metafórico, paradoxal.

Como podemos observar, os enunciados destacáveis só chegam ao estatuto de aforizantes se adquirirem, mais ou menos, essas características explanadas por Maingueneau. O destaque não prende os enunciados ao gênero, embora precisem de um para existir. “Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação construída por outro locutor, um citador” (MAINGUENEAU, 2010, p. 23). Ao transitar por diversos gêneros, a aforização mantém-se fiel ao seu enunciado de origem. No entanto, existem alguns enunciados que sofreram um destaque inicial, mas foram modificados ou adaptados a fim de atenderem uma necessidade pragmática do enunciador. São as *sobreasseverações*, enunciados destacados que representam “[...] uma tomada de posição no campo discursivo e implicam uma amplificação da figura do enunciador” (MOTA, 2009). Sobre esse conceito nos ateremos na próxima sessão deste trabalho.

Sobreasseveração

O conceito de sobreasseveração cunhado por Maingueneau tem sido explorado em diversos momentos de sua trajetória. Em *Cenas da Enunciação*, Maingueneau (2008) insere o conceito de sobreasseveração e o considera com características próprias, destacáveis, as mesmas já levantadas neste trabalho sobre os enunciados destacados: sua forma breve, sua posição relevante no texto, sua forte ligação temática considerada como possibilidade de tomada de posição e o *ethos* condizente com o momento da enunciação. Também em *Cenas*, insere-se o conceito de *sobreasseverador*, o responsável por produzir “um desacordo essencial entre o locutor efetivo e esse mesmo locutor considerado como sobreasseverador de um enunciado que foi destacado pela máquina midiática: esse sobreasseverador é produzido pelo próprio trabalho da citação” (MAINGUENEAU, 2008, p.84). Desta forma, são as mudanças que se processam no discurso que favorecem sua condição de fórmula, sua sobreasseveração.

“[...] Coloca-se em relevo determinado trecho da fala ou a generalização de parte ou de todo o enunciado destacado. Trata-se no caso do fenômeno da sobreasseveração, que, pelo destacamento em uma frase generalizante, altera o sentido de um enunciado constituído por um movimento argumentativo complexo, modalizado pelo locutor.” (BENITES, 2011, p. 125).

O leitor pode se questionar nesse momento se a proximidade entre Aforização e Sobreasseveração não tornaria essa fronteira um conceito artificial. Esse questionamento é tão pertinente que o próprio Maingueneau o levanta em seu texto, e o responde

dizendo que é necessário que não se confunda as lógicas de sobreasseveração “que faz aparecer uma sequência sobre um fundo textual” e aforização que “atribui um novo estatuto a citação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 92). Em *Doze Conceitos em Análise do Discurso*, Maingueneau (2010) se aprofundará nessa diferenciação, fazendo esses dois conceitos se individualizem ainda mais por meio dos conceitos de enunciados textualizantes e aforizantes. O Artigo *Aforização – Enunciados sem Texto?* Traduzido por Ana Raquel Mota, traz como subtítulo o caminho “Da sobreasseveração à aforização”. Maingueneau então explora aqueles dois conceitos distintos, *enunciação aforizante* e a *enunciação textualizante*. Ambas são observadas dentro de um momento enunciativo, ou seja, no momento em que ocorrem e se materializam em um gênero discursivo, pois para o autor “Todo gênero de discurso define duas posições correlativas, de produção e de recepção, em interação e especificadas pelas restrições da cena genérica” (MAINGUENEAU, 2010, p.13).

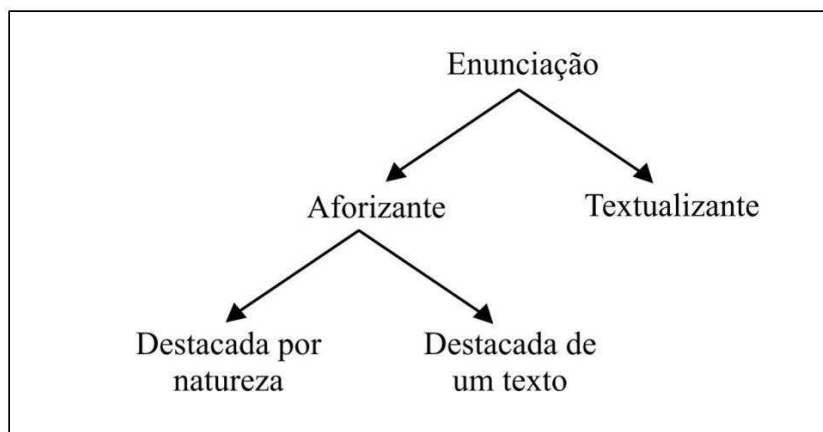


Figura 1. Enunciações Aforizante e Textualizante. Adaptada de Maingueneau (2010).

Embora as enunciações aforizante e textualizante ocorram no momento da enunciação, como podemos observar na fig. 1, a aforizante não se mostra presa ao gênero, enquanto a textualizante contempla um dos papéis do discurso. Na enunciação aforizante “não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’, ou seja, não é direcionado a um único interlocutor nem a um auditório específico; não há interação entre dois protagonistas (Eu e Outro) num mesmo momento de enunciação. Embora não entre na lógica do texto e do gênero, “[...] ela é inevitavelmente proferida em um texto” (MAINGUENEAU, 2010, p. 17). Já na enunciação textualizante “não nos relacionamos com Sujeitos, mas com facetas, aquelas que são pertinentes para a cena verbal, onde a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada” (*ibidem*, p.17). A lógica da sobreasseveração se insere, então, nessa dinâmica da textualização onde se operam alterações no texto de origem, evidenciando seu estatuto pragmático. “Na maior parte das vezes, o enunciado sofre uma alteração quando

é destacado” (*ibidem*, p.11); essas alterações podem ter maior ou menor impacto e consequentemente resultarem em maior ou menor diferença em relação ao texto de origem.

No caso da sobreasseveração, [...] não é possível falar de “citação”: trata-se somente de uma operação de destaque do trecho que é operada em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos de ardem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de destaque dentro de uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação)... (MAINGUENEAU, 2010, p. 11).

A sobreasseveração se processa de acordo com restrições dos jogos de linguagem de diferentes ordens expressas pelos gêneros (argumentação, narração, respostas, críticas, etc...) definidas na dinâmica da textualização pelo modo de circulação e por seu suporte. Qualquer que seja a modalidade da asseveração imposta pelo gênero, implicará a figura do enunciador que não apenas diz, mas mostra que diz o que diz; paradoxalmente o sobreasseverador se responsabiliza pelo que diz ao tomar um posicionamento autorizado diante do mundo, amplificando sua figura de enunciador por meio de um *ethos* apropriado, e ao mesmo tempo se desresponsabiliza pelo seu dizer, uma vez que opera o seu apagamento no recorte enunciativo que produz. Portanto, “é necessário realizar torções relevantes no texto original para formular esses textos de chegada” (POSSENTI, 2011, p. 49); a sobreasseveração abre “a possibilidade de uma saída do texto, de uma destextualização” (MAINGUENEAU, 2010, p.11).

Caminhos possíveis

Diversas são as questões que podem emergir de toda a problemática aqui levantada nesse percurso teórico sobre enunciados destacados e destacáveis. Os conceitos de aforização e sobreasseveração se encontram abertos, não são estanques, e possibilitam diversas leituras sobre as diferentes enunciações postas em destaques nos diferentes suportes midiáticos em que circulam. Para nós, duas questões são latentes e nos move nessa perspectiva de Maingueneau: Porque e o que levam esses textos a serem transformados em outros, mais ou menos fiel ao texto de origem? Como se processa a recepção desses textos, quais os efeitos de sentidos produzidos nessas operações discursivas? São questões inseridas dentro do universo dos enunciados destacados, que nos inquietam e que formam nossos objetivos analíticos a partir deste breve ensaio.

Referências

- BENITES, Sônia A. L. Veja essa: destaque e comentário. In: BENITES & POSSENTI (Org.). MOTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana (org.). *Fórmulas Discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 124-138.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. POSSENTI, S.; SOUZA E SILVA, M. C. P. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. Aforização. In: MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. SOUZA E SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.
- MOTTA, Ana Raquel. *Heterogeneidade e aforização: uma análise do discurso dos Racionais MCs*. (Tese de doutorado em linguística) Unicamp, 2009.
- POSSENTI, Sírio. Sobreasseveração e interpretação. In: POSSENTI, Sírio; BENITES, Sônia, A. L. (orgs.). *Estudos do texto e do discurso: materialidades diversas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 37-52.

Enviado em janeiro de 2012.
Aceito em maio de 2012.